

FACILITANDO A RESILIÊNCIA DE PROFESSORES EM SITUAÇÕES ESTRESSORAS

FACILITATING THE RESILIENCE OF TEACHERS IN THE STRESS SITUATIONES

Thiago Isaias Nóbrega de Lucena⁸⁸

José Willington Germano⁸⁹

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Apresentaremos aqui nossas primeiras divagações a respeito do formato inicial de pesquisa que estamos desenvolvendo dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisa esta que encontra-se em fase inicial, porém em plena atividade já que nos propomos a construí-la com e não sobre os indivíduos. Estamos cientes de que, durante o percurso de trabalho possivelmente passaremos por transformações de caráter estrutural a partir da inserção de novas teorias, além das modificações necessárias ou até mesmo urgentes que se darão na prática, uma vez que primamos por uma análise fazendo uso da intervenção.

Dentre nossas idéias iniciais, buscamos visualizar possibilidades de construção de uma resiliência, entendida a partir dos estudos do Psicanalista frances Boris Cyrulnik (2004), como aptidão para agüentar e retomar um desenvolvimento em circunstâncias adversas em professores vítimas de situações estressoras, em especial a violência escolar em uma instituição pública de ensino na cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte e a posterior aplicação de

⁸⁸ Aluno de Pós Graduação (PPGCS) UFRN, thiagolucenacs@hotmail.com

⁸⁹ Orientador

atividades de cunho resiliente na prática docente de forma a diminuir a violência a partir da metamorfose dos traumas causados pela significação social negativa atribuída aos jovens frequentadores da escola em questão, buscando elevar os índices de aprendizagem e assiduidade dos alunos de forma que se reflita no aumento das variáveis do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

1 INTRODUÇÃO

A violência que se multiplica com velocidade implacável pelo mundo chegou até um território até a pouco tempo intocável: a escola. Agressões verbais, agressividade física, alunos que se utilizam de armas de fogo contra seus colegas de turma, professores intimidados física e psicologicamente e, em situações mais extremas, feridos e até assassinados porque enfrentaram jovens com histórico de violência. Histórias desse tipo são impressas com frequência nos meios de comunicação de massa. Essa violência reveste-se de formas variadas, mas num sentido restrito, define-se como uma ruptura brusca da harmonia no contexto escolar, podendo ser sob a forma de utilização da força física, psíquica, moral, através da ameaça ou atemorização do outro.

Pensando no que poderia ser o fator gerador dessa violência de alunos para com os professores, visualizamos que os desvios de norma de forma violenta e recorrente são como opina Durkheim (1952) fomentadas pelas desigualdades geradas pela densidade demográfica e pelo desenvolvimento econômico, social e cultural de uma sociedade.

Medo e insegurança são elementos que fazem parte do cotidiano de professores e alunos de uma escola pública de Natal-RN, em especial, aqueles que frequentam o turno vespertino e deparam-se com uma clientela que inclui estudantes e "visitantes" usuários de substâncias psicoativas, portadores de armas e com histórico de violência. "A escola virou uma praça de guerra e ponto

de choque entre gangues e grupos rivais.”, diz um professor da escola em questão.

Dentro de todo esse turbilhão de acontecimentos, encontramos a figura do docente como central nesse processo, pois fica no âmago da situação e começa a ser descaracterizado em sua autoridade enquanto educador quando evita repreender alguns alunos, não apenas por questões didáticas, mas para prezar pela própria vida e segurança. Além disso, sentem-se impotentes por estarem inseridos em uma instituição (escola pública) repleta de carências estruturais, logísticas, pedagógicas e de soluções viáveis por parte do poder público. Escola esta que deveria ser o local onde as prioridades girassem em torno do educar, formar, informar, treinar, capacitar e preparar o aluno para o futuro.

A compilação dessas situações acaba por fazer um número crescente de professores abandonarem seus postos de trabalho e até suas profissões devido aos golpes de ordem social, física e psicológica a que são submetidos constantemente no ambiente escolar. Muitos especialistas, e os próprios professores declaram que não há como lutar contra esse problema, pois, campanhas de prevenção, palestras e declarações antidrogas são tentativas muito tímidas para a situação vivida nessas escolas, nas quais os casos de violência proliferam cotidianamente.

A insegurança e o medo dos professores afeta o processo pedagógico. "Já presenciamos cenas de estudantes utilizando drogas e armas até mesmo dentro da sala de aula", declarou uma professora consultada, que completa: "todos tem medo do que possa acontecer daqui pra frente".

Ao identificar e examinar essas questões em professores de uma instituição pública de educação do município do Natal nos propusemos a investigar se a utilização de oficinas com embasamento na escuta sensível, escrita criativa, artes plásticas e cênicas, na perspectiva de uma experiência de plenitude, pode se constituir em um caminho de resiliência para docentes do ensino médio no turno vespertino em situação de insegurança, estresse ocupacional e traumas. Elegemos, com embasamento na Sociologia Clínica que conjuga um tipo de

produção teórica e crítica com a prática em campo (TAKEUTI, 2002, p. 51), fazer uso da intervenção⁹⁰ como eixo norteador desta pesquisa. Nas oficinas, buscaremos estabelecer contato com os professores vitimizados de forma que consigam externar suas histórias trágicas e metamorfosear seus sofrimentos a partir da utilização de dinâmicas de grupo, escuta sensível, escrita criativa e teatralização de suas histórias de vida. Utilizaremos os relatos de vida dos professores para auxiliá-los na resignificação dos problemas que mais os atormentam no exercício da docência. As atividades serão desenvolvidas com vistas à reintegração do professor em seu ambiente escolar com a auto-estima elevada para que, posteriormente possam reinventar suas práticas e repassar as atividades para seus alunos, criando assim uma nova forma de educar baseada na afetividade e acolhimento proposta por Cyrulnik (2004, p. 126).

A escolha desta temática para pesquisa está diretamente ligada à experiência adquirida no nosso trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, quando tivemos acesso ao mundo de crianças e adolescentes vítimas de trabalho infantil que conseguiram tornarem-se resilientes e vencer seus traumas mesmo sem mudanças estruturais no seu cotidiano por meio da figura dos educadores de um programa social do Governo Federal que uniram-se na diversidade e conseguiram desenvolver habilidades para ouvir as histórias traumatizantes de seus alunos, utilizá-las no desenvolvimento da escrita, e recontá-las através das artes plásticas e do teatro. Além disso, as pesquisas dentro das Ciências Sociais ainda são incipientes em relação à problemática do desenvolvimento da resiliência em meio às adversidades sociais, tais como miséria, fome, que geram violência, despreparo e alimentam o ciclo da pobreza.

As nossas inquietações dizem respeito ao crescente aumento da violência no ambiente escolar, em especial na Escola Estadual Castro Alves, localizada no bairro de Lagoa Nova em Natal-RN. Essa escola atende alunos oriundos dos

⁹⁰ Práticas que integram, no seu eixo de atuação, um projeto de mudança social e humana. Se dá através do papel do mediador que se coloca na posição de escuta e de ajuda de modo a levar as pessoas a efetivarem a(s) mudança(s) desejada(s) que são, na maior parte das vezes, difíceis de alcançar (TAKEUTI, 2002, p. 63/64).

Conjuntos de Nova Descoberta e Morro Branco, lugares que recebem o estigma de violentos. O expediente vespertino é apontado pela maioria dos docentes da instituição como o mais tenso e cheio de conflitos entre alunos e professores. A partir do conhecimento de relatos de profissionais que transferiram-se para outros locais de trabalho ou, em casos extremos, abandonaram a profissão em decorrência da violência nas escolas, caracterizamos a nossa motivação para o desenvolvimento deste projeto.

Deste modo, nos propusemos a investigar se a arte pode ser um caminho para que o professor possa enfrentar as adversidades sem, necessariamente, desestruturar a sua vida total ou irreversivelmente, ainda que existam cicatrizes e feridas abertas de cunho emocional e estrutural, que apontam para a existência de estresse ocupacional. O educador resiliente consegue a arte de navegar nas torrentes (CYRULNICK, 2004), pois adquire mecanismos de defesa e motivação para lidar com as situações adversas do cotidiano escolar.

Buscar essa “harmonia” no ambiente escolar pode não parecer tarefa fácil, uma vez que, como afirma Cyrulnik (2006), “falar de amor à beira do abismo” pode remeter a lembranças recônditas de toda uma vida marcada não apenas pela reiteração de práticas violentas, mas, da ausência de afeto. O simples e complicado fato de disponibilizar afeto pode fazer com que uma situação com ares aparentes de fim, seja o início de uma nova forma de encarar e resignificar a vida.

2 O SER DO(C)ENTE E A CONFIGURAÇÃO DE MECANISMOS DE RESILIÊNCIA

Em uma sociedade capitalista, marcada pela desigualdade e exacerbamento do consumo, onde se prioriza o ter, vive-se cotidianamente em um

coletivo social marcado pela insegurança e pela violência.⁹¹ O Brasil é considerado um dos países mais violentos do mundo. Os índices de assaltos, seqüestros, extermínios, violência doméstica e contra a mulher são elevados e contribuem para tal consideração. Uma conseqüência disso é a onda expansionista da violência urbana alcançar os domínios privativos da escola. Instituições de ensino e sociedade guardam entre si estreitos laços, podendo assim ser concebidas com o resultante de uma relação de mão dupla, já que a escola incorpora, reproduz, repete e reflete todos os aspectos da sociedade, sejam eles positivos ou não aceitáveis pelo conjunto social.

A violência escolar alcança índices alarmantes na sociedade brasileira, ganha contornos epidêmicos e faz alunos, professores, gestores e a comunidade reféns. A violência contra os professores tem preocupado sobremaneira especialistas em segurança pública e autoridades responsáveis. Variados são os diagnósticos, inúmeras são as propostas que apontam no sentido de equacionar tal fenômeno, mas, definitivamente, nenhuma medida conseguiu debelar ou controlar a crescente violência na escola.

Considerando que a escola é o espaço onde as diversas ambigüidades e conflitos de interesses convivem diuturnamente, fatos expressos na imprensa escrita e falada quase diariamente apontam para uma elevação na gravidade das ações por partes dos alunos para com os professores como a utilização de armas, objetos perigosos e drogas ilícitas aliados às agressões físicas e brincadeiras de mau gosto.

O exercício da docência é milenar. Além de possuir essa longa trajetória, o trabalho em determinadas conjunturas é revestido de destacada importância e sempre assumiu feições e exigências diferenciadas em cada cultura. O desempenho desse ofício manteve uma relação direta com a idéia de educação vigente e socialmente datada. Sem pretender, entretanto, fazer essa investigação

² O termo deriva do latim *violentia* (que por sua vez o amplo, é qualquer comportamento ou conjunto de deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente.

histórica, consideramos oportuno buscar o significado e a compreensão do sentido etimológico do ser docente: do latim *docere*, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender (SARAIVA, 1993, p. 390). Apenas com essa definição do sentido etimológico, já é possível vislumbrar a grandeza do exercício da docência e a importância de se conhecer a sua natureza.

Trata-se de um ofício que continua sendo exercido por aqueles que, na atualidade recebem a denominação de professor: aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, o que dá lições (SARAIVA, 1993, p. 957). De fato, um ofício, que, além de milenar, também é capaz de comportar diversas atribuições e exigências, mas que, de acordo com Nóvoa (2004), ainda se sabe muito pouco sobre a sua essência.

Devido aos altos níveis de violência física e “violência simbólica”⁹², além dos “não ditos”, porém expressos por meio de objetos e posturas dentro do âmbito escolar, a figura do docente começa a descaracterizar-se enquanto autoridade que guia os alunos em sua formação fora da família. Um número cada vez maior de professores passa a abandonar as salas de aula e, em casos mais extremos, a profissão de educador por medo das ações agressivas por parte dos alunos, aliados às precárias condições de trabalho a que se submetem, no caso da educação pública.

No desenvolver do projeto, procuraremos fazer a interlocução com vários autores a fim de conhecer com percepção atenciosa a forma como é exercida a docência no ambiente escolar público da Escola Estadual Castro Alves, seus agentes, as dificuldades enfrentadas pelos professores, as condições de trabalho que lhes são oferecidas, os descompassos e os estresses advindos deles. A escola em questão obteve índice de apenas 2,5 em 2007 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) proposto pelo Ministério da

³ Forma invisível de coação que se apóia, muitas vezes, em crenças e preconceitos coletivos. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização que induzem o indivíduo a se enxergar e a avaliar o mundo seguindo critérios e padrões do discurso dominante (BOURDIEU, 2003, p. 16).

Educação dentro do compromisso “Todos pela Educação”⁹³ quando a média brasileira nesse mesmo período foi de 4,2. Isto se deve ao elevado número de alunos evadidos e do baixo nível de aprendizado refletindo-se em notas insatisfatórias⁹⁴.

Quando pensamos em estratégias saudáveis que podem promover o desenvolvimento da resiliência e que nos permitam alavancar ou construir perspectivas de enfrentamento aos desafios impostos ao professor de instituições públicas de ensino, estaremos proporcionando ações com a perspectiva de elevação dos níveis de aprendizado dos alunos por meio da aproximação de suas realidades, ao passo que minimizamos o problema da violência dentro da escola.

O termo resiliência é advindo da física e nessa ciência diz respeito ao processo pelo qual um objeto que é submetido a forças de distensão até seu limite elástico máximo, volta ao seu estado original quando estas forças deixam de atuar, recuperando-se. Tal conceito foi abstraído pelas ciências humanas como a capacidade de pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perder o seu equilíbrio inicial. Boris Cyrulnik (2004) destaca que, resiliente é o indivíduo que, submetido a traumas, golpes, estressores ou catástrofes, consegue se recuperar psicologicamente retoma sua evolução e não se torna vítima, pois desenvolve mecanismos de defesa.

A idéia de resiliência a ser desenvolvida neste projeto concentra-se em especial no pensamento de Boris Cyrulnik em que defende que o ser humano submetido a toda sorte de provações e golpes pode metamorfosear o seu sofrimento através da criatividade como principal vetor da superação. A imaginação antes erradicada pela racionalização. Recupera seu valor fundamental na superação das adversidades. Para esse autor, é a falsificação criadora que

⁹³ Indicador, que mede a qualidade da educação, estabelecido numa escala que vai de zero a dez. A partir deste instrumento, o Ministério da Educação traçou metas de desempenho bianuais para cada escola e cada rede até 2022 em que a meta brasileira está projetada em 6,0 igualando-se assim aos índices das escolas de países de primeiro mundo.

⁹⁴ Para maiores detalhes sobre a definição e construção do Ideb, consultar a publicação Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), na Série Documental – Texto para Discussão nº 26, disponível em: www.inep.gov.br.

pode transformar o sofrimento dos professores e posteriormente, de seus alunos em obra de arte. Para isso, faz-se necessário que o entorno ofereça lugares e possibilidades de expressão. De acordo com ele, essa simbolização se opera civilizando a fantasia através da palavra e das atividades criadoras, científicas ou outras (CYRULNIK, 2004, p. 187).

Este desafio consiste em uma “utopia do possível” como quer Boris Cyrulnik (2004) e compreende uma reforma da educação, dos educadores, das mentalidades. Sistêmica, aberta e relacional, esta educação exige que tal ação se bifurque nos diversos níveis de ensino e ao longo da vida do humano. Uma aprendizagem da vida e de vida.

Nos modos de produção capitalista as exigências em relação aos trabalhadores e ao produto do seu labor são crescentes, a exemplo de controle da produtividade, do ritmo de trabalho, do tipo de tarefa a ser realizado, do tempo de sua execução, bem como da jornada e carga de trabalho necessária. Na escola, não tem sido diferente. Embora em outros países a preocupação com a saúde dos trabalhadores em educação faça referência à década de 1970, percebe-se que, no Brasil, algumas pesquisas foram realizadas, a partir de meados da década de 1990. Esses estudos abordam as condições de saúde e trabalho na escola pública.

Segundo pesquisa de 2009, mais de 80% dos professores se sentem desvalorizados pela sociedade. O cenário não muda dentro da escola, onde 75% acham que a administração do colégio ou mesmo da secretaria de educação de sua cidade não reconhecem a importância da categoria (pesquisa "A Qualidade da Educação sob o Olhar do Professor", da Fundação SM e da Organização dos Estados *Ibero-americanos*).

Diante da existência de estudos da saúde física e mental no Brasil que revelam o adoecimento dos professores no exercício do trabalho e a nossa preocupação em identificar caminhos que auxiliem o professor a lidar melhor com os estressores presentes no cotidiano escolar, esta pesquisa pretende levantar elementos que respondam à questão: O uso das artes como forma de recriar os

golpes e provações pode se constituir em elemento restaurador da psique humana, no sentido de auxiliar a resiliência no professor, ajudando-o a lidar melhor com situações de violência nas escolas e o estresse ocupacional? Importa compreender se e como os professores utilizam as artes para promover atividades que integram o pensar, sentir e agir, com foco nas situações prazerosas, felizes, encorajadoras, caminhos de superação dos próprios limites e dos inerentes ao seu ambiente de trabalho para continuar a exercer a profissão sem apatia, absenteísmo e despersonalização no cotidiano, mesmo reconhecendo a existência de agentes estressores.

O ser resiliente é aquele que desenvolve “censores” ou “apegos seguros” ainda na primeira infância dentro do “triângulo parental” formado basicamente por pai, mãe e filho. (CYRULNIK, 2004). Quando a criança é inserida em um mundo onde a família já está desestruturada enquanto núcleo ou triângulo e marcada pela presença da miséria e da violência, perde preciosas chances de tornar-se resiliente e reproduzem nos espaços sociais o tratamento que recebem dentro de casa. A escola já não os atrai “e se tornará até mesmo ridícula”, pois preferem a “liberdade” e ausência de regras das ruas. Os professores vitimizados necessitam desenvolver sua criatividade, metamorfosear seus medos e traumas e aplicar suas normas resilientes em suas aulas, compreendendo onde a violência nasce e passando a pautar suas práticas percebendo-se enquanto “tutores de resiliência” das crianças e adolescentes violentos, porém, marcadas pela violência na própria casa e no mundo no qual estão inseridas. (CYRULNIK, 2004, p. 158).

Atuando dessa forma, pode ser possível vencer os traumas da violência e retomar a vida de forma resiliente. Podemos citar como exemplo concreto o romancista Graciliano Ramos que cresceu em uma família de cultura normalizadora em que a violência física estava mais presente do que os vínculos afetivos. “Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural” (RAMOS, 1993, p. 29). O autor passou a ter dificuldades de aprendizado e, até mesmo a escola foi negativa nos momentos em que não acolhia os alunos. “O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício uma

crucificação. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler (RAMOS, 1993, p. 188).

Essa é apenas uma forma de ilustrar as centenas de casos parecidos existentes na realidade Brasileira. O ambiente escolar necessita ser acolhedor para que o aluno sintá-se convidado a aprender. Porém, o processo de aquisição da leitura começa a tomar um rumo diferenciado quando o ainda menino Graciliano percebe que diante de meios tão adversos - o familiar, o escolar -, teria ele próprio que vencer toda a sorte de dificuldades. Para que o processo se inaugurasse, conta com o entusiasmo de uma figura feminina, uma prima que atuou enquanto tutora de resiliência mostrando-o o mundo das palavras.

Trabalhar no sentido de criar um ambiente agradável e livre de tensões na sala de aula. O aluno precisa aprender a ser feliz na escola, descobrir o prazer de aprender, e de fazer as suas atividades bem feitas, aprender que é permitido errar e que o erro nos faz crescer. Não ter medo de descobrir, assumir e desenvolver a própria potencialidade (BOMTEMPO, 1997, p. 09).

Tavares (2001), ao desenvolver sua tese sobre resiliência, afirma que esta não deve ser apenas um atributo individual, mas pode estar presente nas instituições/organizações, gerando uma sociedade mais resiliente. Para ele, uma organização resiliente é inteligente, reflexiva, onde todas as pessoas são inteligentes, livres, responsáveis, competentes e funcionam numa relação de confiança, empatia, solidariedade. “Trata-se de organizações vivas, dialéticas e dinâmicas cujo funcionamento tende a imitar o do próprio cérebro que é altamente democrático e resiliente”.

O autor acredita que o grau de resiliência pode ser alterado pela educação, tornando possível a injeção de confiabilidade, segurança e esquemas de organização, e ainda considera a inteligência como a capacidade de resolver

problemas e criar produtos de valor social e, assim sendo, o grau de resiliência de uma pessoa pode até ilustrar seu potencial de inteligência.

Diante dessas comprovações eleva-se o valor das instituições educacionais, em criar um ambiente rico e estimulante, fazendo da resiliência, importante característica da sua organização educacional. Em meio a essas necessidades de modificações, que acabam por exigir novas responsabilidades dos educadores e professores é necessária uma preparação dos novos docentes a fim de torná-los também mais resilientes às situações desafiadoras da vida pessoal e profissional. Antunes (2003) ao se referir à avaliação de um professor resiliente tem como um de seus pressupostos a capacidade do professor em compreender o sentido ético de sua profissão, as expectativas e imagens sociais que cercam essa profissão, e sua capacidade em identificar os distintos significados que os alunos podem construir com os conhecimentos a partir de suas condições culturais e seu entorno.

Os professores neste contexto precisam ter em mente que suas ações podem influenciar ou determinar o quanto seus alunos serão ou não bem sucedidos na vida escolar e conseqüentemente por toda a vida. Alunos resilientes são alunos presentes e passam a corresponder às expectativas das escolas e, conseqüentemente, ter notas mais elevadas nas avaliações.

Sendo assim, a escola e as respectivas políticas educativas deverão promover concepções pessoais mais dinâmicas e construtivas, apostando no desenvolvimento pessoal, nos aspectos emocionais, e na promoção de relações interpessoais. Pois promover o indivíduo resiliente em seu processo de formação, exige dos sistemas de formadores, a valorização do desenvolvimento individual, no sentido de prepará-los para um maior controle do stress, no entanto, essa necessidade vem a ser um desafio às instituições e organizações de formação, num processo de reflexão, educação e de socialização (PEREIRA, 2001).

3 OBJETIVOS

De forma geral e levando em consideração as primeiras estratégias já em utilização na escola, objetivamos auxiliar o desenvolvimento de mecanismos de resiliência nos professores de uma escola pública para que vençam os traumas da violência escolar e reflitam as mudanças em sua prática docente.

Dentro do percurso das atividades, sabemos que muitas são as mudanças e inserção de novas possibilidades a partir da aquisição de saberes teóricos e empíricos, dessa forma, especificamente objetivamos identificar como os agentes estressores são percebidos pelos professores nesta escola e como podem repercutir em suas atividades e de forma mais estrutural, contribuir a longo prazo para o aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) na escola em questão.

4 METODOLOGIA

Para que os objetivos sejam atingidos de forma otimizada, teremos como utilização instrumental técnica, dados de observação participante, valendo-se de técnicas da pesquisa-ação e intervenção fonte e condição de análise, traço fundamental de uma abordagem clínica na produção de conhecimentos (TAKEUTI, 2002, p. 46). Observaremos a origem do trauma, sua significação e a aquisição de tutores de resiliência para repará-los (CYRULNIK, 2004, p. 08).

A pesquisa será basicamente qualitativa, visto que contará com o registro das experiências práticas propostas por meio das oficinas de cunho resiliente, registro por meio de imagens e vídeos, realização da escuta sensível e ativa com possibilidade de ação. Todas as ações girarão em torno da metamorfose do trauma da violência a ser projetada ao final das oficinas por meio das artes plásticas e cênicas, já que, segundo Cyrulnik, “às vezes a história traumatizante

até se torna socialmente aceitável quando o ferido tem o talento para fazer dela um diário, uma peça de teatro ou uma relação que contribua para tornar seu sofrimento útil para os outros.” (Os patinhos feios, 2004, p. 148). Entretanto, faremos uso de alguns dados quantitativos para calcularmos as projeções e aplicações do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

No percurso de pesquisa e na execução das oficinas, faremos a utilização de filmes que abordam temáticas de cunho educativo para que possamos conhecer exemplos concretos de experiências exitosas de transformações no âmbito educacional.

5 HIPÓTESE

Trabalhamos com a hipótese de que professores que conseguem dar a volta por cima e superar os seus traumas e entraves psicológicos (resiliência), passam a desenvolver mecanismos de interação com seus alunos e, a partir daí combater a violência na sala de aula resgatando as histórias de vida dos discentes, entendendo que suas realidades pobres e miseráveis material e afetivamente são perpassadas pelas mais brutais formas de violência no seio familiar e social. Com isso, passarão a atuar enquanto tutores de resiliência (CYRULNIK, 2004) que ouvem e metamorfoseiam os traumas de seus alunos, a partir da aplicação das atividades propostas nas oficinas a serem desenvolvidas. Sanados esses primeiros problemas, supomos que os níveis de aproveitamento e aprendizagem serão elevados junto aos índices do IDEB dentro da meta indicada para o ano de 2011 e conseqüentemente, a meta estabelecida para 2022.

Entendemos ainda que a retomada da auto-estima não passa apenas pelo lado emocional, necessita-se com urgência de uma melhora estrutural e de salários, assim como aponta o estudo que analisou os fatores de sucesso dos dez melhores sistemas educacionais do mundo, de acordo com o *ranking do*

Programme for International Student Assessment (PISA), coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que avalia o desempenho dos alunos na faixa dos 15 anos em leitura, matemática e ciências. Com o aumento do interesse dos professores por seus alunos e pela profissão e a diminuição da violência em todas as escalas, supõe-se que teremos aumento no fluxo escolar e, conseqüentemente, nas médias de desempenho nas avaliações.

6 CRONOGRAMA

O cronograma abaixo apresentado está esquematizado de uma maneira generalizada, porém, sem perder seu caráter específico. Atualmente nos encontramos em um momento de visitação à escola, observação do espaço e das ações de seus atores, uma vez que já estabelecemos contatos prévios com a direção e alguns professores. Estamos relatando por meio de anotações e captação de imagens os pontos de maior deficiência, além das potencialidades do espaço escolar.

As conversas informais com o corpo docente e discente estão trazendo subsídios importantes para a formatação das oficinas que têm previsão de início para o segundo semestre de 2010, segundo o cronograma. Procuraremos dar sustentação ao processo das oficinas por meio de leituras organizadas por António Nóvoa (1995) e Norma Missae Takeuti (2009), através das quais vislumbramos ouvir, visualizar e (re) contar a história de vida e de constituição do professor, seus medos, competências e traumas.

O processo de criação das oficinas juntamente com as observações está sendo fundamentado por uma nova bibliografia sugerida pelo orientador da pesquisa, o Professor José Willington Germano que pede que voltemos desde então o nosso olhar para a formação do professor, a reflexão sobre os fenômenos no âmbito da educação, suas motivações e interesses, além a “presença da cor” (COELHO, 2006) relacionando-se ao olhar do professor para a diversidade étnica

dentro da sala de aula. Além dos aspectos de cor, temos as diferenças de credos, capital social, cultural e econômico que torna o universo estudantil tão rico, porém, constituído de mundos tão iguais e diferentes, que cabe ao professores a árdua ou prazerosa tarefa de decifrá-los.

Além dos elementos de vida, percebemos a necessidade de conhecer os processos pedagógicos e instituições constituídos com vistas à formação e especialização profissional do docente.

Etapas	Períodos			
	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2
Encontro com professores para esclarecer a proposta da pesquisa.				
Intervenção				
Revisão teórica				
Redação				
Qualificação				
Defesa				

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2003.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 6ª Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Diário Oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 1996, SEF/ MEC.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Brasília, SEF/MEC. 1998.

CODO, Wanderley (Org.). **Educação, carinho e trabalho**: *burnout*, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

COELHO, Wilma. N. B. **A cor ausente**: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores – Pará, 1970 -1989. Belém-PA: UNAMA, 2006.

CUNHA, Eugenio. **Afetividade na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

_____. **Afeto e Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

CYRULNIK, Boris. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Murmúrio dos Fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FERNANDES, Reynaldo. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, Antônio (org). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1995.

PEREIRA, Anabela M. S. Resiliência, personalidade, *stress* e estratégias de *coping*. In: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-94.

PRO DIA nascer feliz. Direção: João Jardim. Gênero: Documentário. Roteiro: João Jardim. Brasil, 2006. 1 DVD (88 min).

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**. Uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado espelho**: a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará: Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

_____; NIEWIADOMSKI Christophe (organizadores). **Reinvenções do sujeito social**: teorias e práticas biográficas. Porto Alegre-RS. Editora Sulina, 2009.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.